



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



CORDIAL CANALHA: SOCIABILIDADE E VIOLÊNCIA

Daniel Marcolino Claudino de Sousa
IFSERTÃO/PE

INTRODUÇÃO

Tratando-se de pesquisa apenas recentemente iniciada, este trabalho visa apresentar duas perspectivas acerca da concepção de “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, ressaltando, de um lado, a potência do conceito, e, por outro, críticas a ele tecidas muito contundentemente por Florestan Fernandes (2017) e Antonio Negro e Flávio Gomes (2013).

O termo “homem cordial” foi primeiramente usado pelo poeta português Ribeiro Couto de quem Holanda o retira, atribuindo-lhe *status* de brasilidade, a partir do qual faz uma série de desdobramentos para a caracterização do modo de como o brasileiro lidaria com situações corriqueiras e com questões fundamentais, da simples dificuldade de ser incisivo ou de como lida com a religião, cujos santos são nomeados com diminutivos, por exemplo, a práticas racistas “suavizadas”.

No entanto, se podemos considerar arrojado o termo e até nos sentirmos seduzidos em procurar sua aplicação em alguns casos no Brasil, por sua vez, encobre a nada cordial violência explícita contra o negro praticada pelos senhores de engenho e pela polícia até hoje, para citar dois agentes, um da ordem privada e outro, da pública. Com grande difusão no país e fora, o termo “homem cordial” se populariza com a ideia do brasileiro gentil e acolhedor, enquanto, para o autor, cordialmente, o brasileiro seria agente de violências como o patrimonialismo e o racismo. Holanda nos lembrará que o Estado nasce da transgressão da ordem doméstica. Para ele, tal cordialidade (que vem do latim, *cor*, coração) deriva da vida rural e colonial do país, tornando-se conceito em virtude da síntese e da cobertura teórica que realiza quanto à definição do brasileiro. No Brasil, a cordialidade é um traço da família que se sobrepõe à impessoalidade da Lei, da coisa pública, como



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



se não houvesse tido a transgressão, que é própria da criação do Estado. Para ilustrar essa relação conflitante e de incompatibilidade entre preceitos familiares e o espaço público, Holanda se vale de Antígona, personagem da peça homônima que defende o direito de seu irmão ter as honras fúnebres, ao passo que Creonte, seu tio e monarca interino, condenara à morte quem prestasse tais honras a considerados traidores do reino, supostamente agindo em nome da vontade geral.

O título deste trabalho, “cordial canalha”, visa, em momento posterior da pesquisa, à aplicação da concepção de Holanda à tentativa de compreensão da violenta “moral familiar”, no Brasil, dos recentes movimentos “verde-amarelo” (grupos que apoiam o político Jair Bolsonaro e que se autodeclaram serem de “direita”) apresentando-se como solução nacional em detrimento da dimensão da coisa pública.

MÉTODOS, JUSTIFICATIVA E PROBLEMA

Recentemente, ao assistir a uma palestra da psicanalista Maria Rita Kehl (2015), me impressionou que ela tenha se utilizado da expressão “homem cordial” de maneira produtiva a fim de pensar criticamente o racismo no Brasil. Como o tema de sua palestra era “Conformismo e Violência” me pareceu que a apresentação foi bastante pertinente com o uso da expressão.

Entusiasmado, logo a seguir li o capítulo em Raízes do Brasil em que Holanda trata especificamente do termo em questão, e comecei a desconfiar dos comentários divergentes que eu sempre escutara quanto ao valor crítico da expressão do autor paulistano. Contudo, em conversa com um amigo e pela busca de referências bibliográficas, via análise qualitativa, passei a comparar passagens com o texto de Holanda às nuances apresentadas por Florestan Fernandes e por Antonio Negro e Flavio Gomes (2013) acerca do tema. Assim, fui passando à suspensão daquela primeira impressão que a psicanalista me causara, estimulando-me agora na pesquisa numa perspectiva diferente. É desse vai e vem na relação frente à expressão “o homem cordial”, que nasceu esta apresentação, cujo objetivo é o de pensar a formação do Brasil a partir da expressão “homem cordial”,



procurando entender como esse conceito consegue uma carreira tão longa, quando seu próprio autor vislumbrava vida curta para ele: “o homem cordial se acha fadado provavelmente a desaparecer, onde ainda não desapareceu de todo.” (Holanda, 2016, p. 321).

Sérgio Buarque de Holanda, enfim, seria a continuidade de Gilberto Freyre ou teria apresentado um novo cenário crítico? Vejamos uma citação do autor paulistano:

O problema das minorias raciais e culturais é **quase inexistente** entre nós. Gilberto Freyre em seu livro *O mundo que o português criou* salienta este aspecto de tamanha importância à compreensão do problema da nossa formação social, apontando o português colonizador, quase inteiramente desprovido de preconceitos — capaz de realizar o intercruzamento desde que foram estabelecidos os primeiros contatos com o nativo —, como causa eficiente da ausência do problema das minorias no Brasil. Entre nós não existiram os muros do *ghetto*, nem as limitações do Harlem. (Holanda, 2016, p. 313, destaque nosso).

Como se pode verificar no recuo acima, a concepção do autor acerca da presença negra em território brasileiro passa despercebida em razão de o problema de choque entre raças não ser destacadamente verificado no Brasil, isso em razão do quase inteiro despreendimento de preconceitos do português, “capaz de realizar o intercruzamento” tão logo tenha estabelecido contato com os indígenas. Nesse sentido, nossa impressão de familiaridade entre Freyre e Holanda se intensifica. Vejamos outro trecho:

À influência dos negros, **não apenas** como negros, mas ainda, e sobretudo, como escravos, essa população não tinha como oferecer **obstáculos sérios**. Uma **suavidade dengosa e açucarada** invade, desde cedo, todas as esferas da vida colonial. (Holanda, 2011, p. 61, destaques nossos).

No recuo acima, os destaques parecem deixar clara a percepção de Holanda para com o negro escravizado. Primeiro, como negro, não ofereciam resistência séria ao colonizador, o que vale dizer, nega os movimentos de resistência constituídos pelos negros durante o período colonial. São diversos os movimentos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



de resistência. Citemos alguns: a formação dos quilombos dos quais Palmares é o mais conhecido; a Revolta dos Malês, em 1835; as “paredes” (greves antes das Grève, Negro; Gomes, 2013), termo usado pelos escravizados antes do termo *grève*, do francês, tornar-se mais usual no país, expressando protagonismo negro na sociedade brasileira para a paralisação do trabalho da fábrica Ponta D’Areia, de Visconde de Mauá, o que teria acontecido já em 1857, um ano antes daquela que é considerada por muitos a primeira greve no Brasil, a greve dos tipógrafos. Há várias outras paralisações, como a da Fábrica de Pólvora Ipanema, em 1820. Segundo Antonio Negro e Flávio Gomes, os trabalhadores escravizados reivindicavam melhorias nas “condições de trabalho, incluindo diárias e dieta alimentar.”¹ (Negro; Gomes, 2013, p. 57). Ademais, a expressão “obstáculo” nos parece redutora para qualificar uma resistência. Contudo, vale lembrar que o Haiti promovia uma revolução já em 1791. O terceiro destaque se refere à “suavidade dengosa e açucarada” que teria invado, “desde cedo, todas as esferas da vida colonial”. A expressão “suavidade dengosa” parece não deixar dúvidas da suavização ou do açucaramento promovido pelo autor quanto à relação de poder exercida pelo colonizador.

A evidência reveladora dos trechos em recuo acima nos remete ao silêncio de autores que, utilizando-se do termo “homem cordial” a partir de Holanda, como Rita Maria Kehl (2015), por exemplo, que deixam de pensar as contradições dessas formulações. Espera-se da crítica que sejam feitas ponderações não apenas o capítulo de Raízes do Brasil dedicado ao “homem cordial”, mas à obra de modo geral.

Outra passagem de Raízes do Brasil vem reforçar a ideia dessa “languidez”, da polidez entranhada pretensamente no termo “homem cordial”, que nos foi

¹ Considerando os diversos levantes e reivindicações consistentes dos escravizados no Brasil contra o sistema escravagista, perguntamos se não podemos por em xeque a ideia de que a escravidão era um “fenômeno de seu tempo”, como se não pudesse ter sido repellido antes e que fosse “natural” defender a escravidão. Há, pois, na crítica literária e sociológica a ideia de que se deve considerar o “contexto da época”. Contudo, tal como é comum, pressupõe-se uma naturalização do fenômeno identificado.



sugerida em texto de Jacino (2017). Entenda-se que “homem” da expressão “homem cordial” refere-se ao senhor de engenho. O trecho é o seguinte:

Compreende-se, assim, que já fosse **exíguo o sentimento de distância** entre os dominadores, aqui, e a **massa trabalhadora** constituída de homens de cor. O escravo das plantações e das minas não era **um simples** manancial de energia, um carvão humano à espera de que a época industrial o substituísse pelo combustível. **Com frequência** as suas relações **com os donos oscilavam da situação de dependente para a de protegido, e até de solidário e afim.** (Holanda, 2011, p. 54-55, destaque nosso).

A perspectiva apresentada pelo autor no trecho em recuo suaviza a relação do que ele mesmo chama de dono com sua propriedade, o escravizado, de uma relação de dureza para uma relação que oscila da dependência para a solidariedade. Ora, o que subjaz tal perspectiva é a ideia de que essa relação não demoraria a acabar em pica. É a expressão de Florestan Fernandes (2017), ao criticar Gilberto Freyre, uma vez que para este a miscigenação entre brancos e negros teria acontecido no núcleo da Casa Grande. Freyre afirma que o negro teria derrotado a família patriarcal por dentro quando a negra seduz “o senhor ou seu filho; [e] o escravo negro, seduzindo as mulheres brancas ou suas filhas (...)” (Fernandes, 2017, p. 117). Ora, a partir de Antonio Candido, Florestan Fernandes lembra que a miscigenação se processou na “periferia da família patriarcal, não em seu núcleo.” (Fernandes, 2017, p. 118).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Para o propósito deste resumo, conforme leituras da bibliografia apresentada nas referências, principalmente a partir Florestan Fernandes (2017) e Antonio Negro e Flávio Gomes (2013), passamos a por em suspensão a força crítica do termo “o homem cordial” de Holanda que, a princípio lhe projetamos, de modo que, por meio da perspectiva das referências arroladas, numa outra perspectiva, cabe-nos inventariar as várias manifestações de insurgência dos negros (ver texto de NEGRO; GOMES, 2013), que encontraram repressão nada cordial, a fim de



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



configurar um panorama que dê visibilidade a uma sensibilidade que era material e que se expressava contundentemente pela liberdade e igualdade de condições.

Palavras-chave: Homem Cordial, Racismo, Violência, Raízes do Brasil.

Referências

FERNANDES, Florestan. **Significado do Protesto Negro**. São Paulo: Expressão Popular/Perseu Abramo, 2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Edição Crítica de 30 Anos com organização de Pedro Meira Monteiro e Lília M. Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KEHL, Maria Rita. Conformismo e Violência. Palestra conferida em evento promovido pela APPOA – Associação Psicanalítica de Porto Alegre - na 61ª. Feira do Livro de Porto Alegre, em 12 de novembro de 2015. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=cFz2w_XtRyY. Consulta em 03 de outubro de 2021.

JACINO, Ramatis. QUE MORRA O “HOMEM CORDIAL” - Crítica ao livro Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda. **Sankofa – Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**. Ano X, N. XIX, agosto/2017.

NEGRO, Antonio Luigi; GOMES, Flávio dos Santos. As greves antes da "grève": as paralisações do trabalho feitas por escravos no século XIX. **Cienc. Cult.** [online]. 2013, vol.65, n.2, pp.56-59. Available from: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000200023&lng=en&nrm=iso>.

RODRIGUES, Gilberto César Lopes Rodrigues; SOUSA, Walter Lopes de. Raízes do Brasil: livro completo. **Aula do Grupo de Estudos e pesquisas ISSEAM - UFOPA**. Disponível no YouTube. Consulta em 24 de setembro de 2021.